

Memória e prática docente

EMENTA:

Nesta disciplina pretende-se, a partir da descrição do(a) professor(a)/cursista de suas práticas docentes, promover reflexão sobre as opções metodológicas, bibliográficas, técnicas e recursos didáticos utilizados em sala de aula. A bibliografia indicada visa trazer informações e incitar o pensamento sobre estas práticas que, seguidas, apresentam um caráter memorialístico, biográfico, autobiográfico ou literário (como no caso de romances escritos por professores ou a respeito de professores). Por outro lado, e para além da sala de aula, também visa enfatizar a identidade profissional do professor, que tem características pessoais (individuais), e da categoria profissional à qual ele pertence (coletivo).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ASSIS, Machado de. Conto de Escola. In: _____. *Várias histórias*. São Paulo: W. M. Jackson, 1957.

BUENO, B. O.; CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. de. (Orgs.). *A vida e o ofício dos professores*. São Paulo: Escrituras, 1998.

CATANI, Denice B. et al. *Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

CATANI, Denice B.; VICENTINI, Paula P. *Formação e autoformação: saberes e práticas nas experiências dos professores*. São Paulo: Escrituras, 2006.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri (Coord.). *Memórias de velhos mestres da cidade de São Paulo e seus arredores*. Relatório final apresentado a FINEP. Rio de Janeiro: CERU/Fundação Carlos Chagas, 1988. v. II.

MORAES, Dislane Zerbinatti. *Literatura, memória e ação política: uma análise de romances escritos por professores paulistas*. São Paulo: USP, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1996.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003.

NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Porto, Portugal: Porto Ed., 1992.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. et al. *Imagens, docência e histórias de vida*. In: II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 1998, São Paulo. *Atas*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1998. p. 646-652. v. 2.

PASTOR, Raimundo. *Alegrias, agruras e tristezas de um professor*. São Paulo: Centro do Professorado Público Paulista, 1970.

SANTOS, Máximo de Moura. *O Professor Policarpo: páginas de bom humor, dedicadas ao magistério*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1940.

SOUSA, Cynthia P.; CATANI, Denice B. *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

VAZ, Leo. *O professor Jeremias*. 4. ed. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1921.

VICENTINI, Paula Perin. *Minha vida daria um romance: lembranças e esquecimentos, trabalho e profissão nas autobiografias de professores*. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003.

OBJETIVO:

- Desenvolver, a partir da memória das práticas docentes do(a) cursista e da bibliografia sobre o tema, reflexão sobre conteúdos, metodologia, bibliografia e recursos didáticos utilizados em sala de aula.

O professor e sua prática

Amaury C. Moraes • Nelson Dacio Tomazi

INICIANDO NOSSA CONVERSA

Todo(a) professor(a) tem uma prática escolar, mas poucas vezes realiza reflexões e análises sobre a mesma. Neste sentido, a preocupação desta aula é possibilitar que você, a partir dos textos apresentados, pense e analise a sua prática docente, e que, ao final, possa escrever a memória dessa prática.

PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Desenvolver reflexão sobre conteúdos, metodologia, bibliografia e recursos didáticos utilizados por ele(a) em sala de aula.
- ▶ Analisar a sua prática em sala de aula e buscar alternativas para realizá-la.

CONHECENDO SOBRE

Rememorar é olhar o passado a partir do presente

Trata-se justamente de parar um momento e refletir: poucas vezes fazemos isso, e daí decorre toda uma insegurança sobre se estamos certos ou errados no que fazemos. Mesmo aquele professor – tradicional ou construtivista, que tem certeza do que faz, certeza advinda da rotina e da tradição ou da ciência e do método –, mesmo esse professor, ou especialmente esse professor, deve trazer para si a obrigação de sempre pensar e repensar a sua prática, sob pena de a fonte de suas certezas ficarem “fora dele” – na tradição ou no método. Ser professor decorre de uma identidade, e essa identidade passa pela reflexão sobre o que se faz, ou, noutras palavras, passa pelo controle intelectual da própria ação – ciência e consciência.

Nesse sentido, a construção de um memorial sobre a prática docente tem um duplo sentido: por um lado, registro de informações fundamentais, permitindo revisões, comparação e percepção de um processo de evolução nas práticas, retomada das experiências e transformação destas em conhecimento – a experiência; por outro, a tomada de consciência sobre a trajetória de uma profissão, sobre a constituição de uma identidade e sua projeção futura. Não se trata apenas de uma visão positiva e vitoriosa do passado, onde são esquecidos os impasses, as escolhas não exitosas, numa linearidade irrealista; mas um diálogo constante entre passado, presente e futuro, como tempos interdependentes.



Leia os textos abaixo e responda: Por que se diz que há um diálogo entre as três dimensões do tempo? Por que Ecléa Bosi diz que “a memória não é sonho, é trabalho”? Que relações há entre formação docente e prática docente?

Os professores, ao se autotematizarem, acionam dispositivos de análise das suas histórias de vida, avaliando os processos de formação e conhecimento de sua prática pedagógica. O interesse principal é conhecer a trajetória destes profissionais, buscando resgatar como esta se consolidou e qual sua interferência no processo de construção do trabalho docente. [...]

O trabalho da memória que revisita imagens do passado, significativas na produção do professor, indica também as representações de como este deseja ser visto no presente.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de et al. *Imagens, docência e histórias de vida*. In: II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Atas – v. 2. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1998, p. 650-1.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 55.

Depoimentos

1 A divina comédia da minha vida profissional

Uma professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Santo André, conta a sua experiência inicial:

O meu primeiro registro oficial como professora em cargo público foi em outubro de 1986, como substituta. Como professora, já havia trabalhado antes em escolinha particular, mas não me impressionou tanto quanto este momento em que substituí na EEPSPG “Prof. Camilo Pedutti”. Senti, naquele dia, que estava dando o passo definitivo para minha carreira no magistério.

Depois desse primeiro momento, começar a trabalhar com educação foi se tornando parte da minha vida naturalmente. As situações como: inscrição, conseguir classe, material para traba-

lhar vieram como consequência de um objetivo que tracei a partir do momento em que encarei a profissão como compromisso e missão, mesmo que fosse por um período da minha vida. O caminho não foi fácil, mas nunca pensei em desistir. Não! Minto! Pensei algumas vezes, mas nunca desisti, resisti, e só Deus sabe o quanto lutei para me formar, ser e viver como professora.

Nunca fui professora passiva. Sempre participei de peças teatrais nas escolas, dancei nas festas juninas, me vesti de homem, palhaço... o importante era fazer as coisas acontecerem na escola. A transformação em minha vida profissional, tanto quanto em minha vida particular, ocorreu de forma rápida. De repente a faculdade, dar aulas em Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires, e logo estava em Santo André. Atrrelados a isso vieram os concursos públicos, que fui prestando e passando, assumindo cargos e me exonerando de outros.

Maria Matilde Bento, “A divina comédia da minha vida profissional”. In: CATANI, Denice B.; VICENTINI, Paula P. *Formação e autoformação: saberes e práticas nas experiências dos professores*. São Paulo: Escrituras, 2006.

2 Sobre Antonio Candido, o depoimento de Maria Isaura Pereira de Queiroz, quando sua aluna, nos põe diante de algumas questões sobre a relação do(a) aluno(a) com o(a) professor(a).

[...] O terceiro episódio decorreu de um trabalho dado a toda a classe pelo professor Fernando de Azevedo, no segundo ano do curso; o tema foi “Organização e mobilidade social na sociedade brasileira durante o Segundo Império”. No meu entender, isso me pareceu banal; quem não sabia que nesse período senhores e escravos estavam inteiramente separados e a mobilidade social estava, por isso mesmo, cerceada, só existindo no interior da camada livre? Levei minhas dúvidas ao professor Antonio Candido, assistente do professor Fernando de Azevedo, que me parecia mais acessível do que o catedrático, e a resposta foi mais ou menos: “Uma afirmação não é suficiente para ser aceita como verdade; demonstre-a com dados e então veremos...”. Não havia o que retrucar, a resposta era firme, mas achei que era preciso apoiá-la em dados para que os demais não duvidassem. Depois de buscar nos dicionários de sociologia o sentido dos termos a serem utilizados, passei com entusiasmo a procurar nas mais diversas fontes sobre o século XIX: viajantes, romancistas, políticos, estadistas. E – oh espanto! – já nas primeiras leituras encontrei numerosos dados que punham em dúvida minha afirmação; e, à medida que mais enriquecia a pesquisa, mais e mais ela era desfeita! Ferida, a vaidade me doía; resolvi então escrever numa linguagem próxima da do século XIX, para dar um ar ligeiramente pomposo ao trabalho, pois pomposo me parecia o professor... Anos mais tarde, quando eu já era assistente do professor Fernando de Azevedo, contou-me ele um dia que ficara muito

bem impressionado com meu primeiro trabalho, mas que havia pensado não me dar a melhor nota em razão do linguajar muito fora de época em que fora redigido; na incerteza, consultara a respeito Antonio Candido, que era tão sensato! A resposta fora: “Se o problema é somente a linguagem, eu daria a nota máxima e aconselharia a aluna a fazer um esforço para se livrar de uma linguagem antiquada...”. Assim foi feito, e a estudante embatucou... Esta anedota mostra o apreço que o professor Fernando de Azevedo, sempre muito exigente no que tangia aos problemas de hierarquia, tinha por seu assistente, a ponto de consultá-lo e aceitar-lhe o alvitre; poucos catedráticos o fariam e, por outro lado, poucos assistentes também seriam semelhantes a Antonio Candido, em seu nível de conhecimento e em seu respeito por outrem. [...]

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Reminiscências. In: AGUIAR, Flávio. (Org.) *Antonio Candido*. Pensamento e militância. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 263-264.

3 Leia este depoimento de uma professora de primeira viagem, de uma escola fundamental.

No ano de 2001 fui efetivada como professora na Rede Municipal. Foi-me atribuída uma primeira série, em um bairro de periferia. A escolha não se deu pelo meu desejo de trabalhar com séries iniciais, mas, sim, pela localização da escola.

Apesar de estar muito feliz, logo pensei: Meu Deus! Como vou alfabetizar quarenta crianças?

No início não tive muito crédito com os pais dos alunos e até mesmo por alguns colegas de trabalho. Sempre comentavam: “Ela é tão novinha, quase do tamanho dos alunos. Será que vai dar conta de ensinar?”. Ficava chateada com essas colocações, eles estavam me julgando pela minha aparência. Cheguei até a receber comentários racistas pelo fato de ser negra, como se os meus 21 anos e a minha pele escura fossem determinar a competência e os meus compromissos para com os meus alunos.

Tinha pouco conhecimento sobre como se dava o processo de aquisição de leitura e escrita dos alunos, foi então que busquei muitas leituras sobre alfabetização, entre elas livros da Emília Ferreiro que, na época, eu não compreendia muito bem. Assim, descobri que os inúmeros jogos que confeccionei no magistério não bastavam para que eu alfabetizasse meus alunos.

Fiz o que parecia mais fácil, trabalhei com listas de palavras iniciadas pela mesma letra, famílias silábicas e textos curtos e de fácil leitura, tipo aqueles: Fifi é uma fada muito feliz. Sabia que este não era o adequado, mas era o que eu tinha segurança em trabalhar. Acabava por reproduzir com os meus alunos a maneira como fui alfabetizada. Em consequência da minha formação precária, tive muita dificuldade para registrar e justificar a minha prática pedagógica. Parecia que existia um abismo entre o

que eu havia aprendido no magistério e o que eu estava vivenciando naquele momento, não sabia lidar com as dificuldades de cada aluno.

Ao final desse ano letivo quatorze alunos não se alfabetizaram, fiquei muito triste, cheguei a me culpar, mas hoje vejo que cada aluno teve sua evolução própria, que não existem culpados, e que por serem diferentes um do outro, não tem por que obterem os mesmos resultados.”

BATISTA, Raquel Aparecida. *Memória de minha formação*. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=18069>>. Acesso em: 03 jun. 2009. p. 14-15.



Responda à seguinte questão: Como foi a sua primeira aula? (Proposta de Fórum do curso)

4 O depoimento do professor Erlando Rêses é muito claro sobre a necessidade de se criarem alternativas para desenvolver uma prática docente de qualidade

Quando ingressei na rede pública de ensino do DF, logo no primeiro ano assumi turmas tanto de Sociologia quanto de Filosofia, uma carga mista, pois ainda não havia a ampliação de tais disciplinas para as três séries do ensino médio. Por isso, para completar a carga horária na instituição, tinha esta condição de trabalho. Naquele ano, experimentei uma prática de ensino que vislumbrei como atrativa e estimulante para a aprendizagem dos alunos: o desenvolvimento de Júri Simulado. Na ocasião, um tema naquela época chamou muito a atenção no país, inclusive com repercussão internacional: a morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado numa parada de ônibus em Brasília por jovens da classe economicamente favorecida. Por que a decisão de trabalhar com este tema? Não só pela repercussão, mas também por envolver a juventude “dourada” da capital do país, o índio que tem proteção nacional e internacional, a forma cruel da ação dos jovens e a possibilidade de abordagem interdisciplinar da atividade pedagógica. Por que o uso desta técnica de ensino? Porque ela se aproxima da forma como acontece em um tribunal do júri comum, que dispõe, de um lado, a acusação e, do outro, a defesa, com o julgamento ao final. Ou seja, existe a argumentação e a contra-argumentação, ou a tese e a antítese, na relação ensino e pesquisa. Na discussão com um tema, como “réu” do processo, a pesquisa se desenvolve pelo próprio aluno, a partir de orientações do professor. O aluno pesquisa em grupo e constrói uma fundamentação que procura convencer os “jurados” (composto pela comunidade escolar) pela eloquência e rigor argumentativo. Nesse caso, a pesquisa envolveu a discussão a respeito da violência, do fato social, da juventude e psicossociologia, da classe social, da cultura e do etnocentrismo. A abordagem interdisciplinar, além desses enfoques, foi também

estimulada pela prática da leitura (Língua e Literatura), pelo uso de um produto químico na queima do corpo (Química), pela simulação e uso do corpo (Artes Cênicas e Educação Física), pela Filosofia ontológica (valorização do Ser), entre outras. No final, pude constatar que a empolgação do aluno foi maior quando ele se viu numa reportagem jornalística e na filmagem do evento. Esta atividade foi tão marcante na minha prática docente que desenvolvi outras versões, com novos temas, nos anos posteriores, mesmo tendo ouvido um comentário desestimulante de uma colega professora, com mais tempo de serviço, que eu estava fazendo aquilo porque havia acabado de ingressar na carreira do magistério. Essa professora aposentou-se no ano seguinte ao comentário.

Prof. Erlando da Silva Rêses – Experiência desenvolvida no Centro de Ensino Médio 01 do Núcleo Bandeirante – Brasília-DF.

- 5** Florence Rocha Verçosa Pereira, no depoimento a seguir, indica uma prática simples que se pode desenvolver com o(a)s aluno(a)s ao mesmo tempo em que rememora momentos importantes de sua vida profissional.

Gostaria, neste relato, de trazer à memória minha experiência enquanto professora de Sociologia. Pude ministrar o conteúdo no ano de 2008, 1º, 2º e 3º bimestres na Escola Estadual “Magno Claret”, localizada na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, uma vez que me encontrava em Mobilidade Acadêmica na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Nesta escola lecionei Sociologia para duas turmas do Programa Educação para Jovens e Adultos-EJA e oito turmas de 3º ano do ensino médio regular. Esta experiência trouxe-me momentos únicos, em que, apesar da habilidade precária diante da tarefa de lecionar, pude colaborar com vários alunos, na difícil tarefa de professor substituto.

Nesta experiência, pude compreender em que medida a disciplina Sociologia poderia servir para se pensar a realidade dos alunos para além das fronteiras da sala de aula. Dentre tantos relatos que poderia citar, tenho especial lembrança da aula cujo nome adotado foi “Recorte Sociológico”, quando cada aluno trouxe uma matéria de um jornal qualquer, matéria esta que mais lhes chamasse a atenção e a qual apresentariam para seus colegas.

Na medida em que as apresentações se seguiam, com muitas brincadeiras e comentários diversos, a atenção dos alunos e os seus interesses eram cada vez mais nítidos para mim. Discutimos cada matéria de jornal de forma sociológica, buscando relacionar cada efeito com sua verdadeira causa. E, a partir de cada apresentação que se seguia, os alunos faziam comentários e observações que relacionavam as matérias com suas próprias

experiências de vida, o que me fez pensar a necessidade de a Sociologia ser relacionada com a prática, servindo para apontar possíveis críticas construtivas para suas realidades.

O jornal que mais liam e o mais utilizado para a dinâmica em sala de aula foi o jornal “Super Notícias”, com tiragem diária, que revelava em suas matérias uma proximidade muito grande à realidade cotidiana da grande Belo Horizonte e regiões metropolitanas. Trazia reportagens sobre violência, política, futebol, novelas, entre outras... Pude perceber que esse jornal tinha uma aceitação muito grande entre os alunos e também por toda a população. Custando somente R\$ 0,25, era um dos mais comprados na região e, portanto, acabou sendo o material mais utilizado nas apresentações.

Através dessas aulas ministradas para alunos do 3º ano do ensino médio e alunos do programa Educação para Jovens e Adultos-EJA pude ter contato com uma heterogeneidade de alunos. A convivência com alguns deles me trouxe uma curiosidade ímpar e uma vontade imensa de poder, com o ensino da disciplina Sociologia, oferecer caminhos consistentes para se compreender indignações tão presentes em suas realidades. E o “Recorte Sociológico”, de uma forma dinâmica, me proporcionou um contato maior com a realidade de cada aluno e suas perspectivas diante do ensino médio e da educação, de uma forma geral.

Estes depoimentos são importantes para você pensar como tem sido a sua prática docente e, ao mesmo tempo, são exemplos para você trabalhar sobre suas memórias.

CONHECENDO MAIS SOBRE

- BATISTA, Vera Lúcia. *Conta sua história, professora! Narrativas que significam a prática educativa.*

Link: http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf-memoriais2005/VeralBatista_ContasuaHistoriaProfessora.pdf

COMO VIMOS NESTA AULA...

Aqui você pode ler alguns depoimentos e reflexões sobre a prática docente, depoimentos de professores do ensino básico e de professores universitários reconhecidos nacionalmente, como Antonio Candido e Maria Isaura Pereira de Queiroz.

ATIVIDADE DE AVALIAÇÃO

► Leia o texto de Antonio Candido, a propósito do ensino da sociologia, e responda à seguinte questão: Será possível fazer na escola média o que ele afirma? Procure desenvolver um exemplo a partir de sua prática.

[...] para ser eficiente, o professor deve ir dando aos alunos, com uma das mãos, uma visão estrita e absorvente da matéria, apresentando-a como algo exclusivo e por vezes totalitário na interpretação da sociedade, a fim de que o espírito do aluno seja sacudido e fique embebido por este ponto de vista. Com a outra mão, todavia, é preciso ir temperando esta excessiva absorção; mostrando, aos poucos, a relatividade do ponto de vista sociológico para o conhecimento integral do homem, que é o verdadeiro escopo da reflexão e da pesquisa, e que será tanto melhor quanto mais completa for nossa visão de que a sociologia é apenas um lado.

(CANDIDO, Antonio. Sociologia: ensino e estudo. In: *Sociologia: Revista Didática e Científica*, São Paulo, v. XI, n. 3, p. 288, set. 1949)

► Como na primeira disciplina, aqui você também iniciará a escrita da Memória de sua prática docente. É a primeira versão dela, a partir das leituras que você realizou nesta disciplina. Lembre-se que você deverá fazer novas redações a partir das futuras leituras.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Raquel Aparecida. *Memória de minha formação*. Disponível em <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=18069>>. Acesso em: 3 jun. 2009.

BENTO, Maria Matilde. A divina comédia da minha vida profissional. In: CATANI, Denice B.; VICENTINI, Paula P. *Formação e autoformação: saberes e práticas nas experiências dos professores*. São Paulo: Escrituras, 2006.

CANDIDO, Antonio. Sociologia: ensino e estudo. In: *Sociologia: Revista Didática e Científica*, São Paulo, v. XI, n. 3, p. 288, set. 1949.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Reminiscências. In: AGUIAR, Flávio (Org.) *Antonio Candido. Pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas, 1999.

Biografia, autobiografia, texto literário e filmes enfocando práticas docentes

Amaury C. Moraes • Nelson Dacio Tomazi

INICIANDO NOSSA CONVERSA

Voltamos a utilizar a literatura e, agora, também filmes para analisar, aqui, a prática docente. Estes, junto com depoimentos, são elementos importantes para que você construa uma reflexão sobre sua prática docente.

PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Reconhecer que a prática docente possui muitas facetas e que é importante desenvolvê-la com muita diversidade.
- ▶ Utilizar textos literários e filmes para desenvolver sua prática docente.

CONHECENDO SOBRE

Biografia, autobiografia, texto literário e filmes enfocando práticas docentes.....

Investigar a memória de professoras e professores sobre seus primeiros tempos de escola constitui uma tentativa de captar semelhanças e diferenças nos seus modos de rememoração. A escrita da memória escolar que, em geral, é a parte que inaugura os livros memorialísticos, não é um gênero novo no campo literário. Um rápido olhar sobre como alguns dos grandes autores de nossa literatura descreveram suas primeiras experiências escolares funciona como preâmbulo aos relatos de nossos professores.

(SOUSA, Cynthia P.; CATANI, Denice B. *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998).

Biografia, autobiografia e texto literário enfocando práticas docentes

Autores como Rousseau e Condillac trouxeram para suas obras dimensões biográficas quando se referiram a práticas docentes que realizaram quando estavam a serviço de algum senhor, na qualidade de preceptores de filhos da nobreza. É o caso do *Projeto para educação do Senhor de Saint-Marie* e *As confissões*, de Rousseau, e do *Curso de estudos para a instrução do Príncipe de Parma*, de Condillac. Nestes textos, esses autores, além de apresentar as propostas de cursos a serem dados aos alunos, fazem também referência às suas práticas, mostrando seus êxitos e seus fracassos. Também em outras obras, muitas vezes *dissimuladas em ficção*, encontramos experiências pessoais dos autores, de sua passagem pelo magistério. É o caso, por exemplo, de *O calvário de uma professora*, obra de Dora Lize, pseudônimo de Violeta Leme, professora de ensino primário durante a Primeira República, em São Paulo, ou de *O professor Policarpo*, de Máximo Moura Santos, em que o autor mal disfarça elementos autobiográficos. Nesses romances, os professores aparecem em suas relações com “as classes” (entendendo-se aqui salas de aula), com a comunidade escolar, mas, sobretudo, com a hierarquia e a burocracia educacional. A permanência na carreira é fruto de uma visão missionária que depois acabou marcando indelevelmente as expectativas sobre a profissão: o trabalho difícil de alfabetizar, muitas vezes sem recursos da parte do Estado, realizado com o custo do próprio salário; a profissão que se feminizava, mas que se mantinha numa carreira predominantemente masculina; a necessidade de se adaptar às regras do jogo – passar no concurso e ir para o “fim do mundo”, lecionar para classes muitisseriadas, em escolas isoladas, em fazendas, ou cidades, sem nenhum recurso para receber um professor, tendo que se acomodar em pensões; suportar as injustiças praticadas por “chefetes” locais, semianalfabetos, etc. Essas biografias, autobiografias ou romances vieram a lume muitas vezes inspirados por um desejo de se fazer ouvir a voz de uma categoria profissional que, pouco a pouco, se ampliava, identificando-se como braço do Estado, força civilizatória ou mal e mal autodefinida como agente da (longínqua) democratização do ensino.

É o lugar social que é determinante para a estrutura da memória sobre o social [...] e para a produção das formas de memória específica nos homens e nas mulheres.

(BERTAUX-WIAME, Isabele. *Jours paisibles à Seèvres: la différenciation sociale et sexuelle de la mémoire urbaine*, 1985, *apud* SOUSA, Cynthia P.; CATANI, Denice B. *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998).

Escrever sobre si é autorrevelar-se, é um recurso privilegiado de tomada de consciência de si mesmo, pois permite ‘atingir um grau de elaboração lógica e de reflexividade’, de forma mais acabada do que na expressão oral. A autobiografia é um dos elementos que compõem um conjunto diversificado de produções sobre si, representando uma das ‘mais nobres modalidades da escritura identitária.’

(ALBERT, 1993, *apud* SOUSA, Cynthia P.; CATANI, Denice B. *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998).

Um mestre deve ser temido; é preciso para tanto que o aluno esteja bem convencido de que ele está no direito de puni-lo: mas deve sobretudo ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro lado, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante a seu mestre.

(ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Projeto para educação do Senhor de Saint-Marie*. Porto Alegre: Paraula, 1994. p. 15 e 17).

Quase possuía todos os conhecimentos necessários para um preceptor e julgava que tinha jeito para isso. Durante o ano que passei em casa de M. de Mably, tive tempo de me enganar. A doçura de meu gênio me favoreceria o desempenho dessa missão se os arrebatamentos não tivessem ocasionado tempestades. Enquanto tudo ia bem e eu via a compensação de meus cuidados e trabalhos, não me maldizia: era um anjo; mas era um diabo quando as coisas saíam às avessas. Quando meus alunos não me entendiam, ficava zozzo, e se percebia que era por perversidade, tinha vontade de matá-los: o que não era o meio de torná-los prudentes e sábios.

(ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*, (ano de 1741). Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1948. p. 244-245).

Filmes enfocando a prática docente

- **Sociedade dos poetas mortos** (*Dead Poets Society*).

Dir.: Peter Weir. Intérpretes: Robin Williams, Ethan Hawke e outros. Touchstone.

Pictures, 129 min. (EUA, 1989).

A estória deste filme (vencedor do Oscar de melhor roteiro original) passa-se em 1959 e mostra as relações de um professor com seus alunos no interior de um tradicional colégio da Nova Inglaterra, organizado em um sistema acadêmico rígido e autoritário, baseado nos princípios da tradição-honra-disciplina-excelência.

O carismático professor de Literatura, John Keating (interpretado por Robin Williams), é um ex-aluno da instituição que retorna a ela na condição de professor de Literatura. Este professor, apaixonado pela poesia e muito liberal no trato das questões de ensino, vai transformando a rotina de seus alunos com métodos pouco convencionais. Sempre bem-humorado, o professor procura abrir as mentes de seus alunos, incentivando-os sempre a seguirem seus sonhos e a viverem intensamente. Daí a frase sempre repetida: *Carpe diem* – “Aproveitem o dia”. Assim, utilizando métodos de ensino diferenciados, propunha que seus alunos aprendessem a pensar por si mesmos. Veja uma sequência do filme em:

Link: <http://www.youtube.com/watch?v=kW__708OGRA&hl=pt-BR>.

Em pouco tempo, entretanto, os resultados começam a aparecer e, com eles, os conflitos com as atitudes conformistas e conservadoras dos pais e da ortodoxa direção do colégio. Considerados rebeldes, na realidade eles dão seus primeiros passos para se tornarem adultos.

Mas, ao mesmo tempo, as regras da Sociedade dos poetas mortos (antiga sociedade recriada pelos alunos) são ainda rígidas, pois todos os seus membros, se quiserem participar dela, têm que ler poemas, produzir versos, reunir-se em horários definidos, referenciar poemas de autores reconhecidos, entre outras coisas.

A situação altera-se quando um dos alunos suicida-se, pois não aguenta a pressão da família para ele ser o que não quer. A escola é processada, sendo responsabilizada pelo desvio do jovem adolescente, e o professor Keating é considerado pela instituição como o principal responsável.

A sequência final é muito importante para demonstrar o que um professor pode desenvolver nos alunos: a capacidade de tomar decisões na vida. Veja a sequência final do filme em:

Link: <http://www.youtube.com/watch?v=eR_KX5Gh4KM&featu re=related>

- **Escritores da liberdade** (*Freedom Writers*).
Dir.: Richard LaGravenese. Intérpretes:
Hilary Swank, Patrick Dempsey, Scott Glenn,
Imelda Staunton, Kristin Herrera. Paramount
Pictures. 123 min. (EUA, 2007).

Esta estória, que passa-se em 1994, aborda a atuação de uma jovem, Erin (interpretada por Hilary Swank), que resolve ser professora e que acredita que a educação pode mudar a sociedade em que vive. Mas a realidade que ela encontra em seu primeiro emprego, numa instituição de Ensino Médio, é completamente diferente do que ela acreditava, principalmente porque o caos é uma constante. Assim, vai lecionar Língua Inglesa e Literatura para uma turma de adolescentes considerados “turbulentos”, inclusive envolvidos com gangues. Os estudantes da instituição não têm oportunidades, e a grande maioria que ali está veio de um programa de inserção criado pelo governo americano na época, onde muitos jovens que iriam para reformatórios, no caso, eram “jogados” em escolas públicas em convívio com outras pessoas sem nenhuma perspectiva de vida.

Os estudantes parecem viver em situações muito conflituosas e, por isso, vivem sempre enturmados em pequenos grupos e gangues, dependendo de suas relações e do espaço onde vivem. As disputas para marcar território ou para marcar posições pessoais são constantes. É a guerra pessoal de cada um: tentar se afirmar ou ser popular.

Ao perceber os problemas enfrentados pelos estudantes, a professora Erin resolve transformar o espaço da sala de aula em um lugar em que aquele(a)s jovens possam se sentir bem, como uma segunda casa. Por isso ela propõe para que cada um comece a escrever um diário, em um caderno que ela entregou a ele(a), relatando a vida, as angústias, os sonhos, os medos, o que esperavam da vida e do futuro.

O roteiro é inspirado nos diários que esses adolescentes escreveram, pois o filme é baseado em fatos reais, o que aumenta a autenticidade daquilo que é narrado. Assim, como esse novo método de ensino, ainda que sem a concordância da diretora do colégio, ela vai desenvolvendo suas aulas.

Numa das primeiras aulas, a professora teve um enfrentamento com seus alunos, e aí ela percebe que deve mudar a maneira de trabalhar com ele(a)s. Veja como foi o enfrentamento em: <<http://www.youtube.com/watch?v=GzEwgMuM6SM>>.

Ao perceber que a questão da intolerância era mútua entre os diversos grupos existentes, a professora indicou a leitura do livro “O Diário de Anne Frank”, com o objetivo de que os alunos percebessem a necessidade de tolerância mútua.

A nova prática dá certo, e desperta em seus aluno(a) s uma nova maneira de paixão de ver a vida, e assim pas-

sam a gostar de ir à escola. E, obviamente, isso também vai incomodando os diretores da instituição, que invejam a maneira como Erin conduz a sua turma, ou sentem medo de educar aquelas pessoas, com medo de que elas possam se tornar vozes de protestos.

Com o passar do tempo, os alunos vão se engajando em seus escritos nos diários e, trocando experiências de vida, passam a conviver de forma mais tolerante, superando entaves em suas próprias rotinas. Erin Gruwell não fica sem problemas, pois, para dar certo, ela se envolve em outro trabalho, para poder fazer frente aos gastos existentes, e isso acaba refletindo em seu casamento, o que por fim leva ao rompimento. Veja esse diálogo:

Link: <<http://www.youtube.com/watch?v=Dwq-Mz81eTE>>

Como se pode perceber, a vida da professora não é um “mar de rosas”. Mesmo assim ela prossegue e, ao final, consegue que a maioria dos alunos possa perceber que, apesar de todos os embates cotidianos, é possível viver outra vida com mais tolerância.

Esses alunos reuniram seus diários em um livro, que foi publicado nos Estados Unidos em 1999. Posteriormente foi criada a Fundação Escritores da Liberdade, que você pode conhecer em:

Link: <<http://www.freedomwritersfoundation.org/>>.

- **Entre os muros da escola** (*Entre les murs*).
Dir.: Laurent Cantet. Intérpretes: François
Bégaudeau, Nassim Amrabet, Laura Baquela,
Cherif Bounaïdja Rachedi, Juliette Demaille, Dalla
Doucoure, Wei Huang, Franck Keïta, Justine Wu,
Rachel Régulier, Esméralda Ouertani, Boubacar
Touré. Canal + e outros. 128 min. (França, 2008).

➔ **Observação inicial:** todos os atores são professores, alunos e pais também na vida real, muito embora não interpretem a si mesmos. São atores amadores.

O filme (Vencedor da Palma de Ouro do Festival de Cannes, 2008) é baseado no livro homônimo de François Bégaudeau (também intérprete do professor protagonista), que retrata a experiência de um professor do ensino médio francês, num colégio nos arredores de Paris, às voltas com uma turma que, à primeira vista, não parece muito a fim de cooperar. O personagem central da história tem de lidar não só com a falta de interesse dos alunos em sua disciplina, mas com as diferenças sociais e o choque entre culturas africana, árabe, asiática e, claro, europeia, dentro das quatro paredes da sala de aula. É um filme mais focado na geografia de uma sala de aula, isto é, nas relações entre

as pessoas que ali convivem, alunos e professor, alunos e alunos, professor e professores, professor e pais e, por fim, alunos e pais, onde o espectador fica como observador invisível e onipresente da rotina “entre os muros” durante um ano letivo.

O personagem do professor François fascina, é um ser humano que, às vezes, pode aparecer como “herói” que tenta salvar aquela turma do caos, mas que também falha e pode aparecer como “vilão” ao romper a linha de conduta com os alunos em pelo menos dois momentos em que procura estimular o conhecimento do aluno e não apenas passar a lição de casa, dar ou tirar notas e esperar o sinal tocar. Por outro lado, a atitude agressiva de alguns alunos pode ser entendida como um mecanismo de defesa e pode parecer falta de autoestima para se valorizarem.

Neste contexto aparecem os problemas sociais trazidos para dentro da escola, as questões de limites e disciplina/indisciplina e a relação difícil entre alunos e alunos e entre estes e o professor.

O que este filme nos faz pensar é que os jovens chegam à escola com seus próprios problemas, sua própria cultura, e se deve lidar com isso. É um debate bem antigo sobre a escola: é um lugar onde se deve aprender Gramática e Matemática, ou a escola deve dar não só o conhecimento mas também as ferramentas para que os alunos encontrem seu lugar na sociedade? Ou ambos?

O trailer do filme pode ser visto no endereço:

Link: <<http://www.youtube.com/watch?v=9EAdkrVbjzU>>

CONHECENDO MAIS SOBRE

Biografia, autobiografia, textos literários e filmes enfocando práticas docentes

a Uma reflexão sobre o filme “Os escritores da liberdade” pode ser encontrada no artigo de Raymundo de Lima ↓

- Artigo *O filme “Escritores da Liberdade” e a função do pensamento em Hannah Arendt*

Link: <http://www.espacoacademico.com.br/082/82lima.htm>

b Dois artigos que analisam criticamente o filme “Sociedade dos poetas mortos” são ↓

- ROCHA, Demerval Florêncio. *Análise do filme “Sociedade dos Poetas Mortos”*.

Link: <http://www.filosofiararata.com.br/blog/artigos.php?p=7&more=1&c=1&tb=1&pb=1>

- SALCIDES, Arlete M. Feijó; FABRIS, Elí T. Henn. *Representações de espaço e tempo escolares no filme “Sociedade dos poetas mortos”*.

Link: <http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/11gt/Arlete%20M.rtf>

- Uma análise crítica de vários filmes sobre escola pode ser lida em MORAES, Amaury C. *A escola vista pelo cinema*.

Link: <http://www.hottopos.com/videtur21/amaury.htm>

COMO VIMOS NESTA AULA...

Literatura e cinema são expressões que podem nos ajudar a compreender a prática docente. Aqui eles foram utilizados para uma reflexão sobre este tema e também como suporte para a escrita de seu memorial.

ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO

▶ Como você já escreveu uma primeira versão (no final da primeira aula desta disciplina) da Memória de sua prática docente, chegou o momento de reescrevê-la acrescentando novas informações oriundas da reflexão que esta disciplina lhe ofereceu.

▶ Em sala de aula você poderá passar um dos filmes indicados nos textos e comentar com seus alunos o que viram, ou mesmo pedir para eles falarem ou escreverem sobre os professores que tiveram.

REFERÊNCIAS

MORAES, D. Z. *Literatura, memória e ação política: uma análise de romances escritos por professores paulistas*. São Paulo: USP, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1996.

MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa: Moraes Ed., 1970.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio Editora, 1948.

_____. *Projeto para a educação do Senhor de Saint Marie*. Porto Alegre: Paraula, 1994.

TURNER, G. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

Identidade profissional: dimensões pessoais e coletivas

Amaury C. Moraes • Nelson Dacio Tomazi

INICIANDO NOSSA CONVERSA

Quem é o(a) professor(a) como um(a) profissional? Qual a imagem que ele(a) tem de si mesmo(a) e qual a imagem que a sociedade mais próxima tem dele(a)? Qual é a realidade objetiva do(a)s professor(a)s que convive(m) com você?

PROPONDO OBJETIVOS

Ao final desta aula o(a) cursista deverá:

- ▶ Analisar a sua situação profissional nas condições concretas em que atua.
- ▶ Organizar os elementos necessários para concluir a escrita da Memória de sua prática docente.

CONHECENDO SOBRE

Identidade profissional: dimensões pessoais e coletivas

Embora haja, no passado da profissão docente, aquela figura do preceptor, como aparecem nos exemplos de Rousseau e Condillac, em que a relação entre um aluno e um professor é a que define a relação pedagógica, o que prevalece mais largamente no tempo, e que deu o formato ao que encontramos ainda hoje, é a situação de um ou mais professores por “classe”, sala de aula ou turma, ou seja: o reconhecimento do “ser professor” não se faz apenas pela oposição ao “ser aluno”, mas pela identidade com os demais professores, com uma profissão. Embora também as razões sejam extremamente pessoais na escolha da profissão – desejo de formar, educar outrem; a presença marcante de um professor no passado;

certa militância política que instrumentaliza o magistério; antecedentes familiares; gostar muito de ler; etc. –, o que molda o professor é aquilo a que se vem chamando de *cultura escolar*, que é produzida pelos profissionais da educação, quase como se fosse um *comportamento de categoria*, que, para o bem ou para o mal, orienta cada um dos professores. Não é que a subjetividade desapareça por completo, mas que a subjetividade do professor é tanto uma produção individual quanto coletiva, é tanto fruto de um *curriculum vitae* quanto um *espírito de corpo*.

A história oral e os relatos autobiográficos são metodologias que possibilitam não somente o conhecimento das histórias de vidas, mas um processo de subjetivação, entendido como produção do sujeito.

(OLIVEIRA, Valeska Fortes de. *et al. Imagens, docência e histórias de vida. In: II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Atas – v. 2. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1998. p. 650.*)

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais.

(THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. In: PERELMUTTER; ANTONACCI (Orgs.). Ética e História Oral. São Paulo: PUCSP, 1997, p. 57, apud OLIVEIRA, Valeska Fortes de. et al. Imagens, docência e histórias de vida. In: II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Atas – v. 2. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1998.*)

É o lugar social que é determinante para a estrutura da memória sobre o social [...] e para a produção das formas de memória específica nos homens e nas mulheres.

(BERTAUX-WIAME, Isabelle. *Jours paisibles à Seèvres: la differentiation sociale et sexuelle de la mémoire urbaine, 1985, apud SOUSA, Cynthia P.; CATANI, Denice B. Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. São Paulo: Escrituras, 1998.*)

Em uma pesquisa desenvolvida por professoras da Unesp de Marília, com uma amostragem de 50% do universo total dos egressos atuantes na rede pública de ensino, entre outras observações elas apontam que, no processo de integração entre a universidade e a escola básica, existem as seguintes questões que devem ser levadas em conta quando se analisa a prática dos professores:

- ▶ conteúdos extremamente teóricos dos cursos, o que dificulta, na prática pedagógica, a socialização desses conteúdos, a fim de propiciar aos alunos a compreensão das disciplinas ministradas na educação básica;
- ▶ desarticulação dos saberes pedagógicos com os de conteúdos específicos, prejudicando o efetivo exercício da docência. Esse fato explicita a necessidade de reformulação da licenciatura na sua concepção e organização;
- ▶ desconhecimento ou visão distorcida do cotidiano escolar e de seus agentes (alunos, professores, funcionários, comunidade local), indicando ausência de relação sistêmica entre universidade e escola básica, gerando defasagem entre o conhecimento da realidade escolar e sua abordagem teórico-prática na licenciatura;
- ▶ esgotamento do modelo tradicional de estágio supervisionado, pois o estágio restrito às atividades de observação de sala de aula em situação de constatação de problemáticas apenas, sem a possibilidade de atuação articulada na escola, é modelo corrente. Este modelo de estágio, ao não proporcionar ao licenciando a compreensão científica de tais problemas, gera sentimento de impotência e desânimo para o futuro profissional e, muitas vezes, afasta-o da opção pelo exercício da docência.

(BARBOSA, Maria Valéria; MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; SILVA, Vandei Pinto da. *Formação de professores e prática pedagógica: Sociologia e Filosofia no ensino médio na escola atual*. p. 10-11. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/ensinosociologia/textos.htm>>)



Como professor(a), você concorda com estas observações ou vê outras alternativas para o desenvolvimento profissional de qualidade?

Memórias de sala de aula e da profissão: algumas questões

[...], recuperar memórias significa rearticular os sentidos da identidade profissional docente e sistematizar as lembranças marcantes acerca do processo de ensino-aprendizagem. Quais

foram os meus bons professores? Que tipo de experiência marcou mais a minha vida de aluno em sala de aula? Como tem se constituído o convívio com os meus alunos? Quais os momentos mais difíceis em minha trajetória como professora? Estas e outras questões compõem um material fértil de promoção e autoformação, a partir do qual a profissão docente pode ser entendida numa dinâmica mais ampla e consciente. A diversidade de relatos produzidos pelas alunas-professoras também contribuiu para a percepção de que a escola e a docência são construídas numa dupla perspectiva, tanto individual quanto coletiva.

(VICENTINI, Paula P.; SILVA, Vivian B. da; GILIOLI, Renato S. P. Memórias de sala de aula e da profissão: algumas questões. In: CATANI, Denice B.; VICENTINI, Paula P. *Formação e autoformação: saberes e práticas nas experiências dos professores*. São Paulo: Escrituras, 2006.)

Os tabus com relação aos professores

Theodor Adorno, num texto, *Tabus a respeito do Professor*, analisa os tabus e a aversão contra a profissão de professor(a), partindo da observação “*que é justamente entre os melhores estudantes, após a aprovação nos exames oficiais, que se encontra a maior aversão contra a profissão para a qual esses exames qualificam e que fica à disposição deles.*” E isso, para ele, está inserido num processo de não reconhecimento pelas pessoas, mesmo sabendo que o professor da educação básica fez um curso superior.

Antonio A.S. Zuin, em um artigo intitulado *Sobre a atualidade dos tabus com relação aos professores*, comentando o texto de Adorno argumenta:

“que as atuais representações aversivas dos alunos com relação aos seus mestres, os chamados tabus, são decorrentes da violência simbólica que o professor exerce sobre o aluno, com ênfase na universidade. E se a atitude violenta causa inicialmente uma sensação de mal-estar, logo é identificada como algo “inerente” ao processo de ensino-aprendizagem. Tal violência torna-se valorizada tanto pelos professores quanto pelos alunos que se identificam com o professor na figura do agressor, sendo que tais alunos procuram encontrar oportunidades para poder se desforrar do ressentimento que foi engendrado nas relações cotidianas com seus mestres.”

Este é o resumo do texto que você deve ler. Acesse todo o artigo no endereço abaixo:

Link: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a05v2483.pdf>>.

➔ **Obs.:** Depois de ler este artigo, procure analisar no próximo Fórum de debates a sua situação e os tabus e os preconceitos existentes em relação à sua situação como professor(a) da educação básica.

O depoimento abaixo é importante para perceber que a trajetória de um professor normalmente não é linear e sempre existem obstáculos pessoais, sociais ou institucionais para desenvolver esta profissão.

Professor porque nada mais sei fazer nesta vida

Nunca soube exatamente para quê eu serviria. Este sentimento me atormentou por muitos anos e foram muitas as tentativas de adequação profissional que fiz. De instalador de alarmes eletrônicos a contabilista, passando por apicultor e feirante, todas as experiências que vivi foram extremamente frustrantes. É que nos sonhos do movimento estudantil secundarista a ideia de me empregar e viver a vida adulta normal era algo distante; e urgente mesmo, a revolução. Curioso, deixei o movimento e a escola, sem nada em que me apoiar, e nestas circunstâncias atirar a esmo faz todo o sentido. Pensando nisso parece até que estou falando de outra pessoa. E creio que esteja mesmo. Penso como um verdadeiro divisor de águas o dia em que pisei pela primeira vez numa sala de aula como professor. Não que tenha sido fácil, muito ao contrário. Foi na escola pública Vasco Coutinho que assumi a disciplina de Filosofia. O primeiro ano foi um ano de choro na sala da coordenação: tinha certeza de que simplesmente aquelas pessoas que tinha por alunos não gostavam de mim. Mas a experiência docente realmente produziu eco em mim. E quando já dava como certo que se tratava de mais uma experiência frustrante, comecei a pensar que nem todos os meus alunos pareciam sofrer com as minhas aulas. E apesar de não haver muita opção profissional para quem se dedica à vida acadêmica, senão a docência, confesso que contei com alguma sorte. Conheci pessoas que me ajudaram, e como! Pessoas que me deram grandes lições sobre ser professor, que me ajudaram a superar as incertezas do que fazer. Trabalhei em algumas escolas e, em todas elas (mas também em ambiente extraescolar, como em oficinas, cursos e encontros acadêmicos), conheci colegas professores, coordenadores pedagógicos e pesquisadores do ensino com os quais pude aprender muito e continuo a aprender, até que a necessidade e a própria trajetória acadêmica me levaram ao ensino superior, mas isso seria outra história. Com o tempo, inclusive, consegui me dedicar exclusivamente ao ensino das ciências sociais, área de formação. Às vezes olho para trás e percebo que ainda estou perseguindo objetivos que de forma não muito consciente tracei quando ingressei na graduação em ciências sociais, ou aos quais me comprometi, pois,

como disse, o caminho e os objetivos profissionais de quem se dedica à vida acadêmica estão traçados, em suas grandes linhas, muito antes da pessoa pensar tornar-se acadêmico. São escolhas, sem dúvida, mas feitas dentro de contextos limitados. Mas o fato de pisar numa sala de aula ter sido um grande divisor de águas em minha vida não foi o de simplesmente resolver o problema de minha sobrevivência, porque, como costumo dizer sempre, ao me tornar professor tropecei em meu problema de pesquisa. De fato, quando deixei as aulas de Filosofia e passei a trabalhar com Sociologia descobri (à época e apesar da licenciatura, para mim foi uma descoberta) que não tinha nenhuma base sobre a qual me apoiar para iniciar minha vida docente. A escola em que comecei como professor de Sociologia, uma escola privada, exigiu como meio de seleção, além de currículo e aula-teste, a elaboração de um projeto para a disciplina. Sem nunca ter ensinado Sociologia me vi obrigado a pensar a disciplina desde sua justificativa, suas bases, seu sentido de existir numa escola média. Daí que ao mesmo tempo, por vezes convivência difícil, mas sempre positiva, minha vida profissional, intelectual e acadêmica teve um duplo início: como professor de Sociologia no ensino médio e como pesquisador em início de caminho, um graduando escrevendo sua monografia sobre o ensino de Sociologia. Tudo isso se desdobra até hoje de múltiplas formas e com uma continuidade e uma persistência que me espantam. Porque me espanta perceber que ainda me empolga pensar sobre isso. Volto ao ensino médio sempre e de várias formas (e espero voltar à sala de aula também), e dou sequência à pesquisa na chegada ao doutorado, como foi no mestrado. Mais que isso, me dou conta, me tornei professor; agora sei pra que sirvo ou devo servir. Sempre odiei a ideia de não ter tanto controle sobre a construção de minha própria identidade, e acabo grato por minha identidade ter sido construída em torno desta trajetória. Continua não sendo fácil, mas que fazer?, tornei-me um professor de Sociologia.

(Flávio Sarandy – Professor de Sociologia no Ensino Médio e de Ciências Sociais em Cursos de Graduação em Direito, Vitória, Espírito Santo. Mestre em Sociologia pela UFRJ, com dissertação sobre a Sociologia no Ensino Médio no Brasil. Em 4 de junho de 2009).

CONHECENDO MAIS SOBRE

Identidade profissional

Os textos abaixo procuram apresentar aspectos da prática e da profissão docente de diversas formas para que você possa perceber quais são as possíveis visões/representações sobre esta profissão. São elementos importantes para você escrever suas memórias. Nos textos, você vai encontrar elementos que

tratam desta aula e alguns outros que fazem ponte com assuntos anteriormente vistos. Fique à vontade!!!! ↓

- MOTA, Kelly Cristine Corrêa da Silva. *Os lugares da sociologia na formação de estudantes do ensino médio: as perspectivas de professores.*
Link: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a08.pdf>
- SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. *Eu odeio/adoro Sociologia: sentidos que principiam uma prática de ensino.*
Link: <http://www6.ufrgs.br/ensinosociologia/textos.htm>
- BATISTA, Vera Lúcia. *Conta sua história, professora – Narrativas que significam a prática educativa.*
Link: http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf-memoriais2005/VeralBatista_ContasuaHistoriaProfessora.pdf
- SIVALLE, Luciana Teston. *Memorial de Formação: cultura, diferenças e construção de identidades de professores.*
Link: <http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Luciana%20Teston%20Sivalle%20-%20completo.pdf>
- LINHARES, Márcia Maria Alves; CUNHA, Daisy Moreira. *Trabalho, política e educação em memórias docentes.*
Link: http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema3/TerxaTema3Poster8.pdf

COMO VIMOS NESTA AULA...

Nesta aula se encerra a 2ª disciplina e a preocupação com a memória da formação e da prática docente. Nela você pode ler algumas análises e depoimentos que permitirão que você escreva com mais tranquilidade a parte final de sua memória da prática docente, incluindo aí aspectos de sua profissão e identidade como professor(a).

ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO

Esta é a última aula da 2ª disciplina, e como você já fez duas redações sobre a memória de sua prática docente é o momento de concluí-las e, assim, ter a sua redação final. Junto com a escrita da *Memória de sua Formação*, que você apresentou no final da primeira disciplina, agora você deve escrever a *Memória de sua prática docente*, que será a avaliação desta disciplina. Assim, você poderá reconhecer o que foi feito neste período e também a sua trajetória de formação e prática docente. Esperamos que isso sirva para uma autoanálise e uma reflexão para caminhar com maior autonomia na trajetória da profissão que escolheu.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Tabus a respeito do professor. In: ZUIN, A. A.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, N. R. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARBOSA, Maria Valéria; MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; SILVA, Vandei Pinto da. *Formação de professores e prática pedagógica: Sociologia e Filosofia no ensino médio na escola atual*. p. 10-11. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/ensinosociologia/textos.htm>>; Acesso em: 26 jan. 2009.
- CATANI, Denice B.; VICENTINI, Paula P. *Formação e autoformação: saberes e práticas nas experiências dos professores*. São Paulo: Escrituras, 2006.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de. *et al.* Imagens, docência e histórias de vida. In: II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 1998, São Paulo. *Atas*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1998. p. 646-652. v. 2.
- SOUSA, Cynthia P.; CATANI, Denice B. *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.
- ZUIN, Antônio A. S. Sobre a atualidade dos tabus com relação aos professores. *Educação & Sociedade*. Campinas, SP, v. 24, n. 83, p. 417-427, agosto 2003.